

SOBRE “AUTORIDADES MUDIÁTICAS”

Luiz Alex Silva Saraiva¹

No final de 2022 pudemos assistir um triste episódio, mas não de todo inesperado, um caso que gerou muita polêmica por uma manifestação de transfobia em um artigo que deveria veicular apenas uma “opinião”. A colunista, uma festejada pesquisadora de grupos oprimidos, questionava o termo “pessoas que menstruam”, defendendo que ele reduzia o que era ser mulher, um ataque ao invisibilizado grupo das pessoas “T”: travestis, transexuais, transgêneros e pessoas que não se identificam com formas binárias de identidade de gênero.

Qual o motivo da polêmica? A velha questão da violência se valendo da biologização na discussão. A colunista estabeleceu uma hierarquia de opressões, concedendo-se o direito de aviltar existências que considera desmerecedoras do seu próprio *status*, um perspectivismo problemático porque é tanto insensível às diferenças tão defendidas pela colunista, quanto essencialista ao definir a “essência” de uma forma de existência. Uma série de aspectos que atravessam a própria colunista foram por ela deixados de lado para que ela manifestasse uma opinião conservadora e violentamente transfóbica, o que provocou inúmeras reações e protestos, às quais se soma este editorial.

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.



Uma primeira questão evidente é a da falta de solidariedade entre minorias, questão visivelmente enfraquecida pela classe social. O exemplo sugere que uma pessoa que consegue se destacar a partir de um lugar originalmente oprimido não necessariamente é sensível ou compreensivo para com outras pessoas que se encontram em condições de opressão social. A ascensão social e econômica, ao invés do estabelecimento de laços comunitários, parece na verdade conferir munição para o ataque a outros grupos oprimidos (Siqueira *et al.*, 2022; Saraiva & Quental, *forthcoming*). Nesse sentido, os recursos econômicos são empregados de forma a concretizar a violência, seja explicitamente por promover discriminação, seja por permitir a censura de posições contrárias. O uso de argumentos de legitimação, se eventualmente portam uma pauta, inescapavelmente alimentam uma agenda moralista, conservadora e transfóbica que nega às pessoas o direito de existirem como são.

A segunda questão é o problemático estabelecimento do argumento da "autoridade midiática". Se temos em Demo (1987) uma crítica vigorosa ao argumento de autoridade na ciência, uma recusa à personalização da possibilidade de hierarquias a partir de quem se é, e não em virtude do conhecimento gerado na *praxis* científica, este argumento infelizmente parece ter pouca relevância nos dias midiáticos atuais. Basta ter uma estratégia empresarial, um orçamento para jogadas ousadas de *marketing*, profissionais agressivos, relações públicas proativas, contínua produção de conteúdo nas mídias sociais e pronto: isso parece ser suficiente para produzir fenômenos no mínimo questionáveis do ponto de vista do conhecimento com lastro científico.

A necessidade de visibilidade em um período que premia o instante e a efemeridade faz com que seja procurada avidamente toda e qualquer possibilidade de geração de polêmica e de extensão de discussões muitas vezes absurdas. As mídias sociais e sua promoção da aniquilação do anonimato, pela qual vale qualquer coisa, pois implica visibilidade, faturamento e, eventualmente,

admiração, seduz até mesmo de "intelectuais" desavisados que confundem estratégia de marketing com militância ética. Consumir e descartar o que quer que possa ser produzido e se apresente como viável em termos midiáticos é a senha para se manter em evidência, e é tudo o que parece importar, infelizmente.

Da já conhecida posição defensiva de pseudointelectuais que atacam se espera a mobilização de um rol de desculpas fáceis oriundas de trajetórias do tipo *self made man*. Toda ficção constrói simbolicamente um herói intocado que procura abafar tudo o que ele discursivamente combate, mas que, no fim, reproduz. O narcisismo de "autoridades midiáticas" incensadas pela mídia e sua contínua reprodução atendem a um imperativo de mercado que não se constrange (também) a produzir e descartar ícones de sucesso conforme sua atualidade e adesão a um processo editorial orientado pelo consumo, conforme Palhares, Pereira e Carrieri (2021).

Não surpreende, assim, que grandes veículos de mídia coloquem em posições-chave "autoridades midiáticas" que falam o que bem entendem sob a égide da liberdade de expressão, mesmo que isso signifique ferir grupos sociais já violentados socialmente. A polêmica é plantada como ingrediente da visibilidade da mídia, não importa o preço a ser pago. A situação é tão cínica que apenas quando tais "autoridades midiáticas" sustentam argumentos ideologicamente indefensáveis, absurdamente constrangedores e, acima de tudo, juridicamente acionáveis, é que tais veículos "rompem seus vínculos" com "posições antidemocráticas". Não fosse a possibilidade de literalmente pagarem por abrigar propagadores do ódio, para a grande mídia seria (e é) um ótimo negócio inflar egos e lhes permitir exercer sua "liberdade de expressão" contra quem quer que possa render *clicks*, polêmicas e visibilidade.

O que presenciamos recentemente é apenas mais um exemplo de que, quando conveniente, recorre-se à mesma biologia questionada pelo antirracismo para se

negar o direito de existir no âmbito da transexualidade. E que não há constrangimento de qualquer ordem em usar uma posição de autoridade conferida pela mídia e por uma audiência desinformada, fútil, domesticada e ansiosa por ter ícones a idolatrar para fazer coro a segmentos conservadores, fascistas, transfóbicos, quando isso pode resultar em *likes* e *clicks*.

Casos como esse, infelizmente muito comuns, alertam para que devemos refletir, de forma contínua e coletiva, sobre os efeitos nefastos de uma sociabilidade assentada sobre a virtualização. Há um mundo correspondente ao que vivemos nas mídias sociais? O que de fato dizem as pessoas com milhares de seguidores? Para que dizem o que dizem? Para quem? Por que são admiradas? Essas questões, entre muitas outras, parecem cada vez mais necessárias tendo em vista toda a baixa atratividade e a alta responsabilidade da carreira acadêmica.

Ser cientista de forma responsável é apresentar consistência quanto ao pensar e ao expressar ideias de maneira adequada. Como Sagan (1996) destaca, não se apela a mal entendidos ou problemas de interpretação porque não se imputa ao outro o erro. O erro acompanha o percurso de quem faz ciência porque permite que se aprimore o pensamento, o método, as práticas, a fim de se conhecer o mundo que nos cerca da forma mais completa possível. Por conta disso, pesquisadores que levem a cabo uma ciência humanizada são necessários para inclusive assumir suas verdadeiras pautas e em nome de quem (e do que) falam. Isso é uma honestidade que tem faltado a muitos, em particular aos lobos que se vestem de cordeiro dizendo-se – e sendo midiaticamente produzidos como – intelectuais.

Neste número, que encerra o ano de 2022, contamos com a **Capa Sem título**, de *Flavia Freitas Castro de Melo Carvalho*. Ela registra um belo horizonte que passaria despercebido aos olhos de quem está imerso na correria das grandes

idades. A beleza das cores alerta para a necessidade de abriremos as janelas e enxergarmos o que se apresenta para nós e muitas vezes passa despercebido.

Na seção **Artigos** este número conta com uma contribuição: *Ethos empresarial e corrupção neoliberal nos discursos da família Odebrecht*, de *Felipe Fróes Couto, Mariana Bernardino Lopes, Marília Gabriela Ferreira Araújo e Caio Carvalho Vargas*. Neste texto os autores buscam responder a seguinte pergunta: Como se articulam as subjetividades inerentes aos discursos de Marcelo e Emílio Odebrecht em seus depoimentos na Operação Lava-Jato? Por meio da análise de discurso, os principais resultados evidenciam atributos do egoísmo, do utilitarismo e do oportunismo no comportamento dos agentes e nas suas construções discursivas, o que alerta para um olhar mais atento para as relações custo-benefício oferecido pelo pagamento de propinas e benefícios indevidos a partidos políticos no Brasil, que desestimulam práticas empresariais efetivamente mais competitivas.

Arturos, a covid e eu: escritórias do campo, de *Hellen Cordeiro Alves Marquezini*, é o nome da contribuição deste número na seção **Registros fotográficos**. Neste trabalho a autora relata seu processo de implicação com a Comunidade Quilombola dos Arturos em uma pesquisa durante a pandemia. Para tanto, fez uso da escritória, baseada em memória e lembranças, associada a registros de diário de campo, mensagens trocadas em aplicativo de mensagens instantâneas e fontes documentais como jornais e websites, tendo produzido, ao final, um percurso de rememoração de eventos no processo investigativo.

Este número conta com o **Dossiê "Corporalidades e diversidade de gênero/sexualidade"**, cujos editores especiais foram *Rafaela Vasconcelos Freitas, Bárbara Gonçalves Mendes e Marco Aurélio Máximo Prado*. O excelente trabalho editorial desta equipe se refletiu não apenas em uma quantidade expressiva de submissões, quanto a uma seleção de contribuições de primeira

linha, que permitirá o avanço das discussões no campo de estudos organizacionais.

O dossiê é composto por seis contribuições. Na primeira, *Corporalidades e diversidade de gênero/sexualidade: a gestão ético-política entre instituições, ideologias e subjetividade*, Rafaela Vasconcelos Freitas, Bárbara Gonçalves Mendes e Marco Aurélio Máximo Prado apresentam a seção, bem como os principais aspectos que circunscrevem sua proposição e execução.

João Gabriel Maracci e Paula Sandrine Machado desenvolvem, em *"Kit gay" e os problemas da "pós-verdade": perseguindo respostas críticas*, uma linha de argumentação voltada a problematizar o programa Escola sem Homofobia, estigmatizado em um contexto de "pós-verdade". Com base nos Estudos da Ciência e Tecnologia, propomos outra abordagem para o chamado "kit gay", não o considerando previamente uma mentira, mas perseguindo a rede performativa por meio da qual ele adquire graus de veridicção na esfera pública brasileira.

Marketing patriarcal biopolítico na era digital: uma visada queer sobre a luta pela visibilidade sapatão no contexto do capitalismo comunicativo e da censura algorítmica é o título da contribuição de Renata Couto de Azevedo de Oliveira. Neste ensaio ela trata do marketing patriarcal biopolítico no contexto do capitalismo comunicativo e associado às tecnologias de informação e comunicação, em especial às redes sociais, que censura lésbicas que lutam por visibilidade nas redes. Usando a perspectiva queer para refletir sobre a luta pela visibilidade sapatão, é discutida a relação entre a censura e a governamentalidade algorítmica, em particular as questões envolvidas nesse processo marcado por exclusões, marginalizações e injustiças no âmbito da tecnocultura.

Defendendo que a junção da mediação algorítmica estabelecida pelo *TikTok* a um padrão homonormativo de lesbianidade resulta em uma padronização dos corpos difundidos por esta mídia social, *Joana Ziller, Dayane do Carmo Barretos, Leíner Hokí, Kellen do Carmo Xavier* sustentam a contribuição *É a mesma menina? homonormatividade nos vídeos de lésbicas futch no TikTok*. As autoras concluem que este arranjo atua sobre a partilha do sensível, contribuindo para que uma menor diversidade de corpos seja percebida como possibilidade entre mulheres lésbicas.

Jailton Melo nos brinda com a contribuição *Corporalidade trans-travesti: notas sobre o corpo político via poder e violência*. Neste texto, a partir de uma leitura sobre o (bio)poder e as aproximações pelos caminhos da violência, o autor elabora uma discussão entre Agamben, Arendt e Foucault como artifício para tematização de práticas humanas que dialogam com existências precarizadas, especialmente as compreendidas como minorias na América Latina. Com isso, percebe-se que a ratificação de ideais, associadas à naturalização imposta pela cisheteronorma, fragmenta o sujeito moderno, especialmente quando este foge da diagramação de verdades importadas que têm como produto a instauração de inquéritos sobre vidas vivíveis.

Por fim, fechando o dossiê, em *Banherão, pista e pegação: relato etnográfico sobre práticas homoeróticas e seus conflitos em espaços públicos de Campos dos Goytacazes*, *Bruno Henrique Rodrigues de Oliveira* traz uma etnografia de práticas homoeróticas masculinas presentes em dois banheiros rodoviários da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) com o objetivo de evidenciar as relações entre os praticantes de pegação e sua apropriação do uso coletivo de espaços públicos para práticas sexuais. As principais contribuições põem em destaque modelos e interações sociais entre sociedade, corporalidade e uso do espaço público para práticas intituladas como *Banherão*.

Como observação final, informamos que a seção **Relatórios** passará a ser apresentada no primeiro número de cada ano a partir de 2023, de maneira a proporcionar uma exposição mais precisa dos números da **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- Demo, Pedro (1987). *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.
- Palhares, José V., Pereira, Jefferson R., & Carrieri, Alexandre P. (2021). Mídia e management: a (des)construção social da imagem de Eike Batista enquanto executivo de sucesso. *Gestão & Planejamento*, 22, 16-35.
- Sagan, C. (1996). *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Saraiva, Luiz Alex S. (2020). Ciência e Responsabilidade. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 7(18), 1-16.
- Saraiva, Luiz Alex S. & Quental, Camilla (forthcoming). Cracks in diversity: pink money, depoliticization, and conservatism in Brazil. In C. Forson, G. Healy, M. Öztürk, & A. Tatli (Eds.). *Research handbook on inequality and work*. London: Elgar Publishers.
- Siqueira, Marcus V. S., Medeiros, Barbara N., Silva, Danuzio W. G., & Castro, Gustavo H. C. (2022). Cidadania sexual nas organizações contemporâneas: provocações acerca da ascensão do imaginário político conservador e a adesão

ao ideário neoliberal entre pessoas não heterossexuais. *Gestão & Planejamento*, 23, 235-249.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela infraestrutura de pesquisa e de trabalho e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos que permitiram viabilizar esta publicação.

COMO CITAR

Saraiva, Luiz Alex S. (2022). Sobre "autoridades midiáticas". *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(26), 722-731.